

Você conhece a Barbie?

Curiosas histórias por trás de três símbolos americanos

Por BRAD HERZOG

ESTÁTUA DA LIBERDADE. Por volta de 1875, o escultor francês Frédéric Auguste Bartholdi trabalhava num enorme projeto denominado “A liberdade iluminando o mundo”, um símbolo da independência dos EUA e da aliança franco-americana. Na mesma época, apaixonou-se por Jeanne-Emilie Bacheux de Puysieux, que conhecera no Canadá. A dominadora mãe do artista não podia aprovar a afeição do filho pela mulher que ela não conhecia, mas Bartholdi não desistiu e casou-se com Jeanne-Emilie, em 1876.

Nesse mesmo ano, o escultor concluiu o braço direito da estátua e a tocha. Dizem que usou o braço da mulher como modelo, mas achou que o rosto era bonito demais para a estátua. Precisava de alguém cuja expressão representasse ao

mesmo tempo sofrimento e força, um rosto mais severo do que *sexy*. Escolheu a mãe.

A Estátua da Liberdade foi inaugurada no norte da Baía de Nova York em 1886. Tinha o rosto da mãe e o corpo da mulher, mas Bartholdi a chamou de “minha filha, Liberdade”.



Barbie. Barbara Handler era a filha de Elliot e Ruth Handler, co-fundadores, ao lado de Harold Mattson, dos brinquedos Mattel. Ruth teve a idéia de criar a Barbie após observar a filha brincando com bonecas de papel. O modelo tridimensional foi uma boneca alemã chamada Lilli – um brinquedo cômico descrito como tendo a aparência de uma “mulher vulgar ou de uma atriz no camarim”. A Mattel modificou a boneca, criando

uma versão saudável, tipicamente americana, e a batizou em homenagem a Barbara, já adolescente.

Desde seu lançamento em 1959, Barbie tornou-se a Rainha das Bonecas, reconhecida universalmente. Segundo a Mattel, uma garota americana típica possui dez Barbies e, a cada segundo, duas são vendidas em algum lugar do mundo.

Os Handlers perderam o controle sobre a Barbie quando se desligaram da empresa em 1975. Hoje uma senhora, Barbara – que não dá entrevistas mas cujo amor pela boneca é conhecido – talvez seja a figura anônima de maior fama do planeta.

O namorado de Barbie, Ken, foi apresentado ao público em 1961 e batizado em homenagem ao irmão de Barbara. O verdadeiro Ken, que morreu em 1994, rejeitou a boneca que fez sua família famosa. “Não quero que meus filhos brinquem com isso”, disse em 1993.

Tio Sam. Aos 14 anos, Sam Wilson fugiu de casa para juntar-se ao pai e aos irmãos na luta contra a tirania britânica durante a Revolução Americana. Aos 23, abriu uma empresa de embalagem de carnes em Troy, no estado de Nova York, ganhando a reputação de homem honesto e trabalhador esforçado.

Durante a guerra de 1812, Wilson

foi nomeado inspetor de carnes das forças do Exército americano em Nova York e New Jersey, trabalhando com um fornecedor chamado Elbert Anderson Jr. Os barris de carne fornecidos por meio de Anderson eram marcados “EA-US”, identificando assim o fornecedor e o país de origem. Conta a lenda que, quando o governador de Nova York, Daniel D. Tompkins, visitou a fábrica e indagou a respeito das letras, um empregado de imaginação fértil disse-lhe que “US” era a sigla de “Uncle Sam” (Tio Sam) Wilson. Logo os soldados diziam que todos os carregamentos de suprimentos do Exército vinham do “Tio Sam”.

Depois da guerra, Tio Sam começou a aparecer em charges políticas, e sua caricatura, que evoluíra a partir do Irmão Jonathan (personagem ianque da revolução), acabou por substituí-lo como principal símbolo dos EUA.

A imagem que se perpetuou do Tio Sam foi criada pelo artista James Montgomery Flagg nos famosos pôsteres usados no recrutamento militar para a Primeira e a Segunda Guerras. Essa versão – um homem alto, de cabelos brancos e cavanhaque, casaco azul-marinho e chapéu com a estampa da bandeira americana – era um auto-retrato de Flagg.

© 1997 BRAD HERZOG. SKY (JULHO DE 1997), 1301 CAROLINA ST., GREENSBORO, NC 27401-1001

Não me considero careca – sou apenas mais alto do que meu cabelo.

–MILTON Y GOYA, São Paulo (SP)